

REDES SOCIAIS E O ENSINO DE LITERATURA: UMA REFLEXÃO SOBRE A NOÇÃO DE AUTORIA

Maria Eneida Matos da ROSA*

- **RESUMO:** O presente artigo intitulado “Redes sociais e o ensino de literatura: uma reflexão sobre a noção de autoria” tem como objetivo analisar e compreender as influências dos novos meios tecnológicos, através do uso indiscriminado de citações de autores nas redes sociais, tencionando verificar se é possível trabalhar com tal influência no incentivo à leitura na sala de aula. A pesquisa em questão examina o porquê de escritores como Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector, objetos da pesquisa, serem tão populares em divulgações no “ciberespaço” e se existe uma motivação dos “leitores virtuais” pelos autores “preferidos” na internet, também fora desse espaço de navegação. Para isso será necessário tratar de conceitos relacionados ao ciberespaço, hipermídia e hipertexto em autores como Pierre Lévy, Umberto Eco, bem como a formação da leitura e do leitor, no que se refere ao uso do texto literário em sala de aula.
- **PALAVRAS CHAVE:** Redes sociais. Literatura brasileira. Ensino. Formação do leitor.

Introdução

O presente artigo partiu do projeto de pesquisa intitulado “Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector: das redes sociais à sala de aula” e tem como objetivo analisar e compreender as influências dos novos meios tecnológicos sobre a literatura tencionando verificar se é possível trabalhar com tal influência no incentivo à leitura na sala de aula. A pesquisa em questão também examina o porquê de escritores como os selecionados, serem tão populares em divulgações nas redes sociais e se existe uma motivação dos “leitores virtuais” pelos autores “preferidos” na internet.

Dessa forma, esse estudo procura traçar ainda uma breve genealogia da tecnologia e suas relações com a leitura, na tentativa de tratar sua importância na sala de aula, ao mesmo tempo que tenta verificar também questões como autoria e citação de autores e obras na internet, linha tênue para o plágio.

O artigo organiza-se da seguinte forma: começaremos tratando da tecnologia e seu percurso, bem como sua trajetória, vista *a priori* como negativa, mas que passou a ser um aliado da literatura, no espaço da sala de aula. Em seguida trataremos da figura do

* IFB - Instituto Federal de Brasília, Câmpus São Sebastião. Brasília-DF - Brasil. 71697-071 -eneida.rosa@ifb.edu.br.

Artigo recebido em 10/11/2017 e aprovado em 15/05/2018.

autor e o seu papel de sujeito sacralizado e dessacralizado nesse processo, uma vez que pesquisamos sobre citações nas redes sociais. Por fim, mostraremos os resultados a partir da pesquisa com a oficina de leitura realizadas com os alunos de 3º ano do ensino médio (Administração), do IFB- campus São Sebastião, no ano de 2017.

Literatura e leitura: a tecnologia como aliada

Antes de tratarmos de relacionar a literatura à tecnologia, há que se mencionar sobre o breve trajeto dos primeiros registros da escrita encontrados por arqueólogos, na antiga Babilônia, passando pela invenção da prensa de Gutemberg até os suportes tecnológicos contemporâneos.

Por esse motivo, recorreremos às ponderações de Umberto Eco (1996), no seu artigo intitulado “Da internet a Gutenberg”, que tenta desmistificar a ideia de que novos meios tecnológicos modificarão nosso *modus vivendi*, suplantando, nesse caso, a materialidade do livro.

Eco (1996) traça uma espécie de percurso da escrita ao partir do pensamento de Platão em *Fedro*: Hermes, suposto inventor da escrita, apresentou sua invenção ao Faraó Thamus. Ele teve sua técnica elogiada, pois supunha permitir ao ser humano lembrar o que de outra forma poderia esquecer. No entanto, prossegue o estudioso, o Faraó não estava satisfeito: “Meu hábil Theut (Thot), disse, a memória é o maior dom que precisa ser mantido vivo via treinamento contínuo. Com sua invenção, as pessoas não mais serão obrigadas a treinar a memória”.

A escrita, nesse contexto, pode ser comparável à criação “tecnológica” que se mostrava em ascensão e, por esse motivo, era considerada perigosa. Segundo Eco (1996), “[...] a escrita era perigosa porque diminuía o poder da mente, oferecendo aos seres humanos uma alma petrificada, uma caricatura da mente, uma memória mineral”. Isso significa afirmar que o estudioso vê no temor do Faraó em relação à escrita o mesmo medo eterno acerca de um novo feito tecnológico e sua capacidade de abolir ou destruir algo que considerássemos precioso, útil, isto é, algo que representasse para nós um valor em si profundamente espiritual. Destaca ainda que “foi como se o Faraó apontasse primeiro para a superfície escrita e, depois, para uma imagem ideal da memória humana, dizendo: ‘Isto matará aquilo’”.

Sobre a invenção da escrita, Alberto Manguel (1997) menciona que essa descoberta se deu na antiga Babilônia, localizada onde atualmente encontra-se o Iraque e era produzida em placas de argila moldadas como páginas de livros. Ele avalia que com toda a probabilidade, foi inventada por motivos comerciais, “[...] para lembrar que um certo número de cabeças de gado pertencia a determinada família ou estava sendo transportado para determinado lugar” (MANGUEL, 1997, p.206). Assinala ainda que “[...] um sinal escrito servia de dispositivo mnemônico: a figura de um boi significava um boi, para lembrar ao leitor que a transação eram em bois, quantos bois estavam em jogo e, talvez, os nomes do comprador e do vendedor” (MANGUEL, 1997, p.206). Nesse caso, o estudioso também destaca o papel da memória, como uma espécie de documento que registrava a transação:

O inventor das primeiras tabuletas escritas deve ter percebido as vantagens que essas peças de argila ofereciam sobre manter a memória no cérebro: primeiro a quantidade de informação armazenável nas tabuletas era infinita – podiam-se produzir tabuletas *ad infinitum*; segundo, para recuperar a informação das tabuletas não exigiam a presença de quem guardava a lembrança. De repente, algo intangível – um nome, uma notícia, um pensamento, uma ordem – podia ser obtido sem a presença física do mensageiro; magicamente, podia ser imaginado, anotado e passado adiante através do espaço e do tempo. (MANGUEL, 1997, p.207).

Manguel (1997) chama atenção, contudo, para um fenômeno que ocorre junto com o advento da escrita: uma vez que o objetivo do ato de escrever era que o texto fosse resgatado – isto é, lido, o que acabou criando simultaneamente o leitor. Quer dizer, escrever exigia um leitor. Há, pois uma modificação dessa personagem ao longo do tempo, que somente se confirmará num leitor consumidor a partir do advento da prensa de Gutenberg.

Umberto Eco (1996) destaca que nos anos 60, Marshall McLuhan escreveu *A Galáxia de Gutenberg*, a qual anunciava que a maneira linear de pensar instaurada pela invenção da imprensa estava para ser substituída por uma forma mais global de percepção e compreensão através de imagens de TV ou outros tipos de dispositivos eletrônicos. Assim, no século XX, com a difusão de várias mídias de massas, do cinema à televisão, alguma coisa mudou. Dessa forma, se no século XIX eram visíveis cenas de leitura como as retratadas nas obras de Jane Austen, em que era comum termos cenas domésticas, nas quais adultos liam uns para os outros, ao longo do século XX começou a existir uma necessidade de se chamar a atenção para o livro, uma vez que a imagem tomou conta dos antigos espaços de leitura. Daí a necessidade de entendermos que as mídias digitais também revelam ser a evolução da leitura e, por esse motivo, devem ser vistos como aliados na busca de mais uma ferramenta para envolver o nosso aluno cada vez mais envolvido pela tecnologia. Sem contar que o próprio PNLL (PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA) defende que a divulgação da literatura deve acontecer nos mais diversos meios de comunicação, entre eles a internet.

De acordo com o PNLL:

As diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil (e, em particular, à biblioteca e à formação de mediadores), apresentadas neste Plano, levam em conta o papel de destaque que essas instâncias assumem no desenvolvimento social e da cidadania e nas transformações necessárias da sociedade para a construção de um projeto de nação com uma organização social mais justa. Elas têm por base a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável. (BRASIL, 2006).

Partindo dos preceitos presentes no caderno do PNLL, que tem como premissa a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial, a construção

de oficinas de leitura se coaduna à intenção de se ampliar o acesso aos livros, de forma atraente para essa geração cada vez mais bombardeada pelas imagens.

Dentro ainda desse contexto de revelação da ampliação da leitura, há que se tratar das redes sociais como *facebook e twitter*, espaços de interação preferidos dos adolescentes, e que nos remetem a alguns conceitos referentes às tecnologias digitais. Pierre Lévy (1999) faz um estudo acerca dessas novas mídias que implodiram no final do século XX, denominada por ele de “ciberespaço” e “cibercultura”. Lévy (1999, p.17, grifo do autor) propõe uma breve definição dos termos,

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Existem nos sites possibilidades de interação através dos links ali existentes, que fazem parte do hipertexto. De acordo com Pierre Lévy (1999, p.55, grifo do autor), “(se) tomarmos a palavra ‘texto’ em seu sentido mais amplo (que não exclui nem som nem imagens), os hiperdocumentos também podem ser chamados de hipertextos”.

Nesse sentido, há que se mencionar algumas conceituações acerca da Internet. Para Silva e Remoaldo (1995, p.13), “[...] a rede Internet (abreviação de *Interconnected Networks*) é constituída por milhares de redes nacionais e internacionais interconectadas entre si, criando uma rede virtual que comunica a velocidades elevadas”.

Umberto Eco em 1996, já destacava essa questão da velocidade na pesquisa ao comparar, por exemplo, as Enciclopédias usadas na sua época de infância aos buscadores eletrônicos. Segundo ele, hoje existe a possibilidade de termos nossa pesquisa guiada por hipertextos:

[...] posso navegar pela enciclopédia inteira. Posso ligar um evento registrado no começo com uma série de eventos similares ao longo do texto, comparar o começo com o final, perguntar pela lista de todas as palavras começando por A, perguntar por todos os casos nos quais o nome de Napoleão está vinculado com o de Kant, comparar as datas de seus nascimentos e mortes - em suma, posso realizar minhas tarefas em segundos ou minutos. Hipertextos tornarão obsoletos enciclopédias e manuais. (ECO, 1996).

Queixava-se também de não poder ficar mais do que 12 horas na frente do computador, pois sentia a necessidade de sentar-se confortavelmente em uma poltrona e ler um jornal, ou um bom poema. Pensava nos computadores difundindo uma nova forma de literatura, mas sendo incapazes de satisfazer as necessidades intelectuais que estimulam. Apesar de ter profetizado sobre o uso do computador como um suporte relevante para a

manutenção do leitor, e ser, por esse motivo, ainda um defensor das mídias digitais, não imaginava que hoje teríamos suportes de leitura, adaptados para evitar o desconforto da leitura no computador, como o kobo ou kindle (leitores de livros digitais).

Os mecanismos de difusão da escrita e a questão da autoria

Magda Soares (2002, p.153) em seu artigo intitulado “Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura” lembra que na Idade Média, os livros, por um lado, “[...] eram objetos de luxo, a que poucos tinham acesso, por outro lado, os copistas frequentemente alteravam o texto, ou por erro ou por intervenção consciente, de modo que cópias do mesmo texto raramente eram idênticas”.

Para Soares (2002, p.153, grifo do autor),

[...] a tecnologia da impressão *enformou* a escrita, [...] em algo estável, monumental e controlado: estável, porque o texto se torna então reproduzível em cópias sempre idênticas; monumental porque o texto impresso, muito mais do que o manuscrito, sobrevive e persiste como um monumento a seu autor e a seu tempo; controlado porque numerosas instâncias intervêm em sua produção e a regulam.

Atesta, pois, que o “[...] texto é produto não só do autor, mas também do editor, do diagramador, do programador visual, do ilustrador, de todos que intervêm na produção, reprodução e difusão de textos impressos em diferentes portadores” (SOARES, 2002, p.154). Chama atenção, contudo para a cultura do texto eletrônico:

Em certos aspectos essenciais, esta nova cultura do texto eletrônico traz de volta características da cultura do texto manuscrito: o como o texto manuscrito, e ao contrário do texto impresso, também o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado. Não é estável porque, tal como os copistas e os leitores frequentemente interferiam no texto, também os leitores de hipertextos podem interferir neles, acrescentar, alterar, definir seus próprios caminhos de leitura; não é monumental porque, como consequência de sua não-estabilidade, o texto eletrônico é fugaz, impermanente e mutável. (SOARES, 2002, p.154).

Dessa forma, quando a estudiosa afirma que “esse tipo de texto é pouco controlado porque é grande a liberdade de produção de textos na tela e é quase totalmente ausente o controle da qualidade e conveniência do que é produzido e difundido”, corre-se o risco de trabalharmos com textos na internet e existir o problema grave de cairmos no plágio ou na falsa autoria.

No que se refere à figura do autor, Michel Foucault em sua palestra proferida em 1970, na Universidade de Búfalo (NY), e que se transformou no ensaio “O que é um autor”, se propôs a desenvolver argumentos relacionados à figura do autor, entre os quais destacamos dois tópicos que se ajustariam melhor à pesquisa:

- 2) A relação de apropriação: o autor não é exatamente nem o proprietário nem o responsável por seus textos; não é nem o produtor nem o inventor deles. Qual é a natureza do speech act que permite dizer que há obra?
- 3) A relação de atribuição. O autor é, sem dúvida, aquele a quem se pode atribuir o que foi dito ou escrito. Mas a atribuição - mesmo quando se trata de um autor conhecido - é o resultado de operações críticas complexas e raramente justificadas. As incertezas do opus (FOUCAULT, 2001).

Nesse texto, o estudioso trata de um pensamento que Foucault (2001) toma de empréstimo de Becket: “Que importa quem fala, alguém disse que importa quem fala”. A partir desse pensamento, chega à conclusão de que “[...] na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer”.

Tal pensamento acaba por se coadunar ao seu próximo argumento sobre o parentesco da escrita com a morte. Para ele, esse tema também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve, isto é, “[...] a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita” (FOUCAULT, 2001). Ou ainda, trata-se do desaparecimento ou da morte do autor.

Partiremos também das palavras de Philippe Lejeune (2008, p.192), uma vez que segundo ele “[...] o autor é, ao mesmo tempo, percebido como um ser misterioso pelo simples fato de escrever”, podemos partir de uma ideia de sacralização do papel do autor, que segundo o estudioso não é produto da escola, mesmo que sua reprodução passe pelo discurso da escola e dos manuais, mas também tem sua relevância destacada pela mídia.

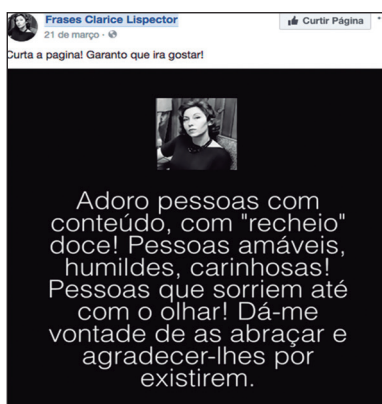
Lejeune (2008, p.194, grifo nosso) trata, todavia do espaço da televisão, onde voz e imagem se reuniram. Para ele, “[...] o autor do livro que lemos ou, com mais frequência, do *livro que não lemos e não leremos* está ali, em carne e osso e ao vivo. Se ainda restar algo a ser imaginado, será, paradoxalmente, o que ele terá escrito”.

O escritores selecionados estão presentes em todos os tipos de redes sociais atuais, tais como *facebook*¹ e *twitter*², sendo “compartilhados” por diferentes leitores de distintos gêneros, classes, idades, personalidades e outros. Tal fato ocorre por essas pessoas dividirem as mesmas sensações e acreditarem que tais citações pertençam a Caio Fernando Abreu, Clarice Lispector. Nota-se ainda uma certa atualidade nos autores já falecidos. É certo que, para o leitor, o escritor parece falar diretamente com ele, como se fosse um amigo próximo dando conselhos, promovendo uma certa proximidade entre autor e leitor, de que fala Lejeune (2008), como podemos confirmar nos trechos retirados de redes sociais como facebook ou blogues abaixo:

¹ Considerada a maior rede social da atualidade, desenvolvida em 2004 por Mark Zuckerberg.

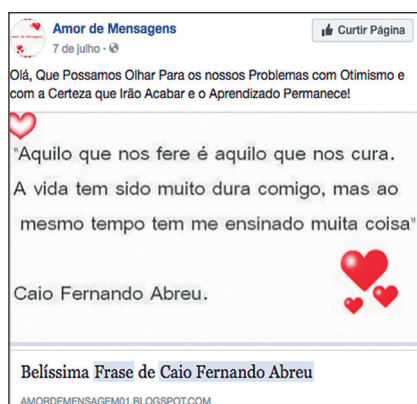
² Rede social na qual o usuário tem 140 caracteres para compartilhar atualizações com os amigos cadastrados, desenvolvida em 2006 por Jack Dorsey. Atualizou para até 280 caracteres em novembro de 2017.

Figura 1 – Frase de Clarice Lispector



Fonte: FRASES..., 2018.

Figura 2 – Frase de Caio Fernando Abreu



Fonte: AMOR..., 2018.

Contudo, quem melhor trata dessa questão sobre noção de autoria e direito autoral é Antoine Compagnon (2007) em sua obra *O trabalho de citação*. Ele destaca que essas noções só surgiram ao longo do século XVII, chamando atenção, ainda, para o fato de que junto a essas questões também devemos retomar as noções de posse, de apropriação e de propriedades textuais, mas segundo uma perspectiva outra, anunciada por ele.

Na primeira perspectiva, temos a **relação de posse** que “[...] tem lugar no imaginário, no nível de uma fantasia de fusão, sem que o sujeito participe do dentro e do fora do que é próprio de si (seu corpo, sua língua) e do outro (o corpo estranho, o discurso)” (COMPAGNON, 2007, p.46).

A segunda trata da **relação da apropriação** que, segundo esclarece, “[...] faz seu sem distinção, é uma etapa intermediária, em que o sujeito parte em busca de si mesmo, como de um outro, à procura de sua identidade entre os objetos que o circundam” (COMPAGNON, 2007, p.147).

Por último, aponta para a **noção de propriedade**. Para Compagnon (2007, p.147), assume-se “[...] a separação entre o autor (instituição ou pessoa moral, consolidação recursiva da variedade dos sujeitos) e o livro (também ele instituição e pessoa moral, mercadoria, unidade de enunciados de origens diversas) [...]”.

É possível notar, seguindo as ponderações de Compagnon (2007), que corremos o risco de fugirmos da noção de autoria, pois o leitor acaba recriando um autor que não existe, mas que atende às suas necessidades e expectativas, recaindo no que ele apontou como relação de apropriação.

Nesse sentido, se de um lado temos o autor, figura que sofreu modificações ao longo do tempo, é importante mencionarmos também a figura do leitor, pois segundo Alberto Manguel (1997, p.207), se “[...] o escritor era um fazedor de mensagens, criador de signos”, por outro lado, esses signos e mensagens precisavam de alguém que os decifrasse, [...] que lhes desse voz, isto é, escrever exigia um leitor”. Daí a ideia de buscar trabalhar

com leitores envolvidos no nosso ambiente escolar e procurar entender se eles têm interesse pela leitura e se conhecem os autores sacralizados e plagiados na internet.

Oficina de leitura: metodologia e resultados

Para analisarmos o uso recorrente de citações de autores na internet, bem como os fenômenos que podem ser avaliados, como o incentivo à leitura e a questão da autoria, começamos trabalhando, de forma conjunta, com alunos de ensino médio do Instituto Federal de Brasília - Campus São Sebastião, prováveis usuários da rede, e alunas de licenciatura em Letras, que deveriam pensar em atividades que conjugassem o tema da leitura e escritores da literatura brasileira que eram muito citados nas redes sociais.

Assim, a pesquisa propôs como utilizarmos novos modos de disseminação virtual para incentivar a leitura dentro e fora de sala de aula, promovendo atividades que envolvessem tanto a pesquisa na internet quanto em livros em sua forma física, baseadas na grande recorrência aos textos dos autores mencionados.

Foram realizadas oficinas de leitura na turma de 3º ano do Ensino médio (Administração) do próprio campus. A primeira oficina serviu para apresentarmos o projeto aos alunos e tratarmos de duas questões relevantes: plágio e tecnologia na sala de aula. Sobre os assuntos introdutórios, a atividade contou com a participação de duas monitoras, Débora Beirão Carvalho e Áquila Borges de Araújo, alunas do 5º Semestre do curso de Licenciatura em Letras/português. Ambas trataram de mostrar exemplos de plágios tanto na literatura quanto em outras áreas, como na música, por exemplo, e também falaram sobre a questão da tecnologia nas nossas vidas bem como as redes sociais, por meio de duas charges:

Figura 3 – Evolução Tecnológica



Fonte: TIC PEDA_GOGIA, 2011.

Figura 4 – Evolução da Comunicação



Fonte: LEITURA PRAZER OU OBRIGAÇÃO, 2012.

Em seguida, foram distribuídos e lidos os contos “Uma galinha”, de Clarice Lispector (2009) e “Iniciação”, de Caio Fernando Abreu (1992). Após a leitura, os alunos foram provocados a refletir sobre os textos. Nesse momento, houve uma discussão em torno dos contos e pedimos que eles pensassem se as narrativas poderiam ser vistas e/ou associadas com o perfil de textos motivadores, como vemos em vários textos publicados nas redes sociais. Foi solicitado ainda que eles criassem um nome para o grupo fechado do Facebook, espaço virtual onde iríamos compartilhar os textos e os memes criados por eles. A partir da criação da página nas redes sociais, começamos a usar esse espaço virtual para analisar e interagir com os investigados:

Figura 5 – Página do facebook: O que Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector realmente escreveram



Fonte: EMI-ADM, 2017.

A continuação dessa reflexão dos alunos sobre os autores ficou para outra etapa na oficina, no segundo dia. Já no terceiro dia de atividade, partimos para a leitura de alguns contos e crônicas retiradas de obras dos autores, mas escolhidos pelos próprio discentes. Foi solicitada a escolha de citações dos autores para que eles criassem “memes”³ na internet

³ O denominado **Meme** “[...] é um termo criado pelo escritor Richard Dawkins, em seu livro *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta, lançado em 1976), cujo significado é um composto de informações que podem se multiplicar

com trechos corretos das obras. A princípio muitos não se mostraram motivados, mas a partir do momento que iam descobrindo frases instigantes e opostas às conhecidas motivacionais, mostraram-se mais empolgados.

Dessa forma, a atividade que começou como parte integrante de uma oficina, culminou na produção de memes com citações, que viraram ímãs de geladeira, objetos que foram comercializados na Semana de Letras do campus IFB-São Sebastião

Por fim, foi entregue um questionário para os discentes para tratarmos de alguns aspectos relacionados ao tema da leitura e o conhecimento deles sobre os autores selecionados. As respostas foram organizadas a partir das informações oriundas dos instrumentos escritos (perguntas) a seguir, de forma a tornar inteligível as considerações que levamos à cabo na sessão final desse artigo.

É importante ressaltar que as perguntas foram feitas na etapa final, já no momento de produção dos memes, por esse motivo, contamos com algumas dificuldades na coleta de dados, uma vez que nossa oficina não era obrigatória e no dia da atividade alguns alunos não entregaram o questionário, pois faltou luz na escola. Mesmo assim, de um grupo de 16 alunos participantes, 11 responderam a atividade:

Pergunta 1 - Você gosta de ler? Tem alguma preferência?	Pergunta 2 - Você trabalhou atividades de leitura (ou incentivo à leitura) nos três anos do ensino médio? Caso a resposta seja positiva, explique/comente como elas aconteciam.	Pergunta 3 - Você já tinha ouvido falar dos autores trabalhados na oficina? Se a resposta for positiva, tinha alguma ideia de como era o tipo de escrita que eles produziam?	Pergunta 4 - Você acredita que esse tipo de atividade (oficina) é válida? Teça comentários sobre as atividades realizadas na nossa oficina.
6 estudantes responderam que gostam de ler	6 estudantes responderam que tiveram atividades de incentivo à leitura	9 alunos responderam que conheciam os autores, mas destacaram o nome de Clarice Lispector	Todos os alunos se colocaram afirmativamente em relação a esta questão.
3 responderam que não gostam de ler	4 responderam que não tiveram atividades.	2 Responderam que não conheciam	
2 responderam que não gostam muito, mas destacaram uma predileção por HQs (Histórias em quadrinhos) e livros de terror.	1 destacou que sempre gostou de ler e não teve atividades na escola	Observação: 3 dos 9 alunos que conheciam os autores, não sabiam ao certo como identificar o tipo de escrita dos autores.	

entre os cérebros ou em determinados locais como, livros. A síntese de seu livro é sobre o meme, considerado uma evolução cultural, capaz de se propagar. O Meme pode ser considerado uma ideia, um conceito, sons ou qualquer outra informação que possa ser transmitida rapidamente. [...] É comum os Memes se transformarem nos chamados **Virais**, os quais se beneficiam para divulgar e propagar uma marca e ou serviço. Esta é uma das aplicações dos Memes, pois devido a seu quase instantâneo crescimento, virou alvo de estudo das indústrias, interessadas em vender seus produtos. [...] Existem ainda os Memes que geram e divulgam conteúdo, como o TED Talks” (ADAMI, 2018).

Sobre a questão 1 e o resultado satisfatório de que a maioria gosta de ler, chega a ser surpreendente, já que muitos se mostraram reticentes em relação à leitura das obras dos autores selecionados, demonstrando interesse maior a partir da escolha das citações para a produção de memes. Aliás, cabe ressaltar que esse desconforto inicial foi sendo desconstruindo à medida que os alunos liam e mostravam para os colegas quantas citações eram retiradas e eles mesmos escolhiam as mais interessantes para serem divulgadas na página do facebook e na confecção dos memes.

Sobre a questão 2, apesar da maioria dos respondentes afirmar que tiveram atividades de leitura, e 4 colocarem que não, causa um certo estranhamento, pois alguns desses alunos participam das atividades do jornalzinho da escola IFLeR. De qualquer forma, o que se vê é que talvez não existam atividades de leitura associadas à tecnologia e aí podemos relacionar à última resposta, quando os discentes afirmaram terem gostado da atividade, mas também podemos pensar que os alunos não associaram à produção do jornal a uma forma de incentivo de leitura aliado à tecnologia, o que na verdade foi. Sem contar que o trabalho exigia deles a produção textual, aspecto não contemplado na nossa oficina.

Em relação à questão 3, foi interessante notar que a maioria conhecia os autores, mas não sabia como era o estilo de escrita, já que os dois escritores escolhidos, comumente são associados, erroneamente, a textos de auto ajuda. Com a atividade de leitura foi possível desconstruir tal questão e reconhecer o tipo de escrita de ambos.

Considerações finais

A partir das atividades de leitura propostas na oficina e das respostas dos alunos ao questionário, é possível chegarmos à conclusão de que parece que o exercício da docência não está acompanhando a rapidez da tecnologia, bem como não propõe, a contento, atividades que promovam o interesse dos discentes pela leitura, bem como, seguindo o pensamento de Magda Soares (2002, p. 154) “[...] a cultura do texto eletrônico traz uma nova mudança no conceito de letramento”. Como já mencionamos, para ela, essa mudança no conceito de letramento se refere ao fato de que assim como o texto manuscrito, “o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado”.

Apesar de trabalharmos, inicialmente com o texto impresso, à medida que os discentes liam as obras, retiravam citações e construíam um novo espaço de divulgação da narrativa, o letramento acabou se distanciando do texto impresso e se configurando numa nova leitura e/ou suporte, ou ainda num novo horizonte de expectativas que foge do modelo tradicional.

Assim, o que podemos constatar é que podemos criar um tipo de letramento plural, que parte do texto impresso, mas assume novas configurações a partir do momento que passa a ser objeto de leitura e análise dos discentes e não somente das pessoas que fazem parte do sistema do mercado editorial como o revisor, o conselho editorial, ou o empresário que lucra com a venda dessas obras. Há, pois um novo ambiente de interação, bem como um novo olhar sobre a literatura.

Por fim, ao entrarmos em contato com esses escritores, nossos alunos acabaram descobrindo um pouco sobre suas vidas e suas relações no universo literário e cultural em que estavam e estão inseridos. Não esquecendo ainda que partindo da visualização do universo literário, tanto no suporte do livro como na internet, acabamos por recriar uma nova história da literatura do nosso tempo.

Contudo, é importante chamar atenção para o fato de que a oficina talvez pudesse começar a partir do segundo ano, pois atenderia tanto o aspecto lúdico e prazeroso da leitura, bem como promoveria um letramento mais diversificado e emancipatório, na medida em que ao reconhecer e entender um pouco sobre os autores, cria-se uma postura crítica diante da forma como os autores e seus textos são trabalhados e usados na internet. Quer dizer, se deixarmos para trabalhar suportes de incentivo à leitura para o final do ensino médio, talvez tenhamos uma dificuldade maior em ampliar a bagagem de leitura de nossos educandos.

Por fim, cabe destacar que esse tipo de metodologia só pode ser aplicado numa escola com condições plenamente satisfatórias. Este ainda é o caso dos Institutos federais e politécnicos no nosso país, mas sabemos que não faz parte da realidade da maioria das escolas. Sem contar que, conforme mencionamos, o letramento digital dos professores também deveria acompanhar essas mudanças. Mas tais mudanças recaem em políticas públicas educacionais, matéria longe de ser contemplada na atual conjuntura.

ROSA, M. E. M. da. Social networks and the teaching of literature: a reflection on the notion of authorship. **Revista de Letras**, São Paulo, v.57, n.2, p.159-171, jul./dez. 2017.

- **ABSTRACT:** *The article entitled “Redes sociais e o ensino de literatura: uma reflexão sobre a noção de autoria” aims to understand the influence of new tech media by analyzing indiscriminate use of writers’ quotes in social networks. The goal is to check if it’s possible to use such influence to stimulate reading habits in the classroom. The mentioned research examines why authors like Caio Fernando Abreu and Clarice Lispector are so popular in cyberspace and if this virtual preference has any reflex in the offline life of the readers. In order to come to a conclusion, it’s necessary to deal with concepts related do cyberspace, hypermedia and hypertext by authors like Pierre Lévy and Umberto Eco, as well as reading and readers formation by the use of literature in class.*
- **KEYWORDS:** *Social networks. Brazilian literature. Teaching. Reader training.*

Referências

ABREU, C. F. **O ovo apunhalado**. 4.ed. São Paulo: Siciliano, 1992.

ADAMI, A. **Memes**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>. Acesso em: 23 maio 2018.

AMOR de mensagem. Disponível em: <http://amordemensagem.blogspot.com/>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Cultura. Ministério da Educação. **Plano Nacional do Livro e Leitura**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://www.oei.es/fomentolectura/pnll_brasil.pdf. Acesso em: 18 abr. 2012. Não paginado.

COMPAGNON, A. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ECO, U. **Da internet a Gutemberg**. 1996. Tradução de João Bosco da Mota Alves. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>. Acesso em: 12 mar. 2017. Não paginado.

EMI-ADM: O que Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector realmente escreveram. **Facebook**: grupo público. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/126858594550736/>. Acesso em: 17 maio 2017.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 3.ed. Lisboa: Vega, 1992. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3238534/mod_resource/content/1/foucault%2C%20michel%20-%20o%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf. Acesso em: 20 out. 2018. Não paginado.

FRASES de Clarice Lispector. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrasesClarice>. Acesso em: 18 out. 2018.

LEITURA PRAZER OU OBRIGAÇÃO. **Charge**: a evolução da comunicação. Belo Horizonte, 8 ago. 2012. *Leitura 23*. Disponível em: <http://leituraprazerouobrigacao.blogspot.com.br/2012/08/leitura-23-charge-evolucao-da.html>. Acesso em: 17 abr. 2017.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LISPECTOR, C. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, L.; REMOALDO, P. **Introdução a internet**. Lisboa: Presença, 1995.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.23, n.81, p.43-160, 2002.

TIC PEDA_GOGIA. **Evolução tecnológica**. Maceió, 22 nov. 2011. Disponível em: <http://pedagogiatic2011.blogspot.com.br/2011/08/httpwww.html>. Acesso em: 17 abr. 2017.

